

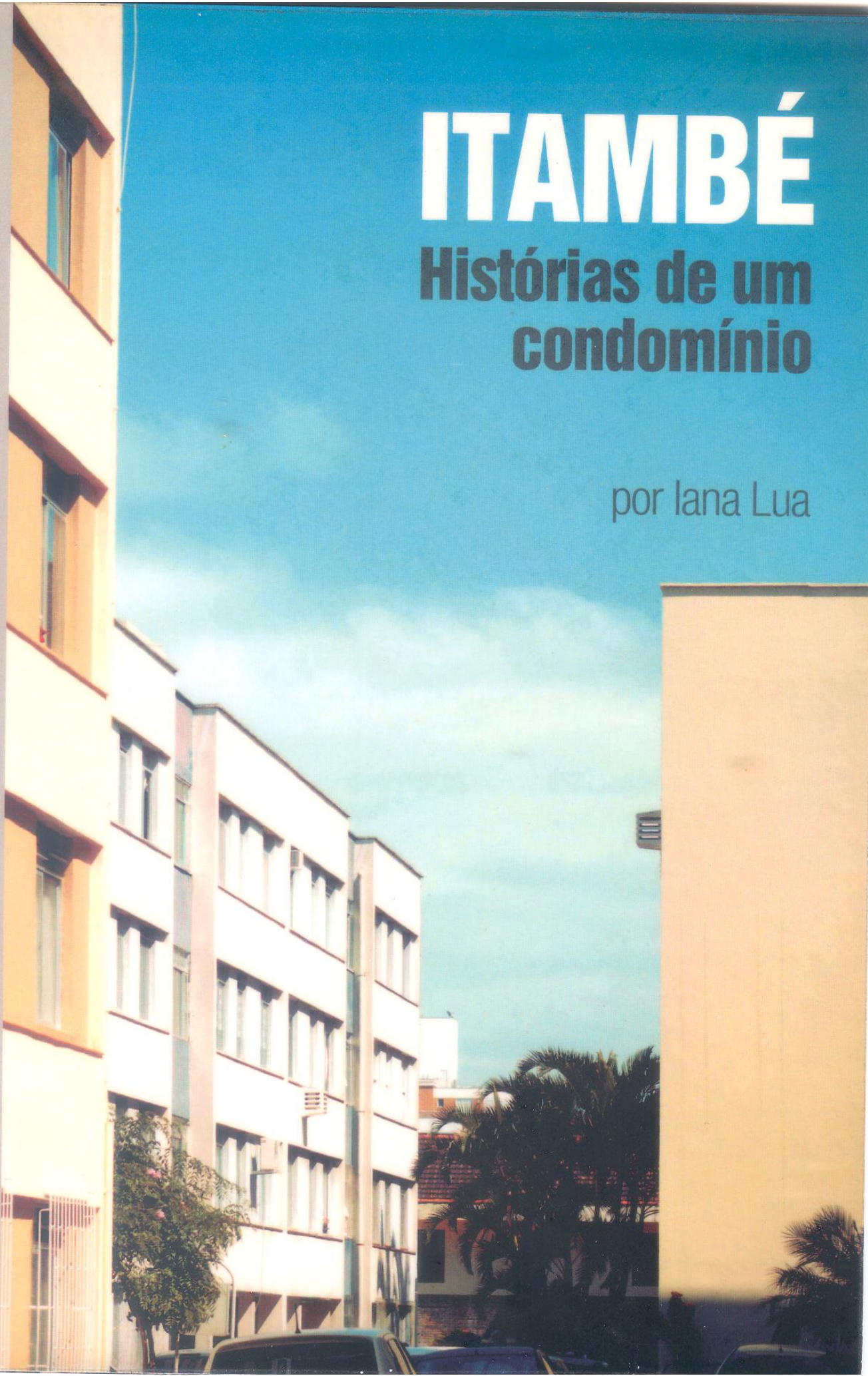
Edição única, dezembro de 2011

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM JORNALISMO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, UFSC

ITAMBÉ

Histórias de um condomínio

por Lana Lua





ITAMBÉ: HISTÓRIAS DE UM CONDOMÍNIO

Seu Lapa, Isene, dona Áurea e Josephine mal se conhecem. No máximo, trocam um “boa tarde” quando se cruzam na portaria. Mas quem observa o movimento, sentado nos banquinhos em frente aos prédios, percebe que suas vidas estão mais ligadas do que imaginam. Juntos, eles fazem parte da história do Itambé – condomínio em que moram com mais, aproximadamente, 1.600 pessoas.

Ainda não é dia quando através das janelas fechadas dá para ver as sombras no vai e vem da manhã. O Itambé é o terceiro maior condomínio de Florianópolis e, em 1978, quando foi inaugurado, era o primeiro. Seus 405 apartamentos abrigam estudantes, famílias numerosas espremidas em dois quartos, solteiros com carrões na garagem e bisavôs que não conseguem subir as escadas. Diz a lenda que todo mundo da cidade já morou, ou conhece alguém que já morou por lá.

O condomínio lembra uma pequena vila. Na via central ficam os bancos de praça, o parquinho, o salão de festas e a administração. Dessa via partem outras seis menores que dão acesso aos 12 prédios de quatro andares. Há carros estacionados, faixa de pedestre, placas de trânsito e calçadas.

Os hábitos dos mais de 1.600 moradores fazem parte da rotina do condomínio. De manhã já se espera encontrar senhorinhas conversando nos bancos; à tarde, funcionários tirando o lixo; e à noite, crianças brincando no parquinho. E é assim que, há 33 anos, as histórias de cada um que passou por lá se cruzam para construir uma narrativa maior: a da vida do Itambé.

UM GATO VOLTA DA NOITADA E SE ESPREME POR UMA FRESTA NA JANELA DE UM APARTAMENTO TÉRREO. Homens e mulheres saem apressados para o trabalho enquanto estudantes sonolentos passam com cara de quem ficou na internet até de madrugada. Os que têm carro podem se dar ao luxo de acordar alguns minutos mais tarde, e, aos poucos, o barulho dos motores quebra o silêncio da manhã. Os primeiros raios de sol batem na pontinha dos prédios e o dia começa de vez no Itambé.

Lídia e suas duas irmãs são as donas da padaria Napolitana, que fica do outro lado da rua. Há 14 anos, as três saíram de Tunápolis, no oeste do Estado de Santa Catarina, para abrir o negócio na capital. Como o espaço

alugado era muito perto do Itambé, se mudaram para o condomínio com seus esposos e filhos e compraram mais dois apartamentos onde abrigam os conhecidos que vêm do oeste trabalhar na padaria. Assim, dos 31 funcionários, 14 moram no Itambé.

Às 7h da manhã chegam os primeiros clientes atrás do pão quentinho. Alguns tomam café ali mesmo, em um balcão que há nos fundos. Os funcionários – mulheres bem branquinhas que falam português como se o alemão fosse sua primeira língua – se dividem entre repor as mercadorias nas prateleiras, atender os clientes, jogar fora o que está vencido e cuidar do caixa. De fundo toca algo parecido com um sertanejo-germânico e Lídia sai para levar sua filha para a aula.

Menos da metade do estabelecimento é reservado aos pães, doces e bolos. O resto expõe desde frutas e congelados a chinelos havaianas. Em média, os produtos da padaria são mais caros que os dos concorrentes, como o Mini Mercado Pitz, a dois quarteirões dali. A dona não lembra ao certo, mas acredita que o Pitz exista há mais ou menos 20 anos. Quando o lugar estava sendo construído, ainda não tinha um destino certo: “Só decidimos que ia ser um mercadinho porque os vizinhos insistiam que faltava um por aqui”, diz Eloídes. Entre eles estavam os moradores do Itambé que, ainda hoje – mesmo com dois supermercados a menos de dez minutos de distância –, continuam clientes fiéis do Pitz. “É por isso que dá gosto trabalhar aqui”, diz a dona sorrindo depois de anotar na caderneta as compras de um senhor simpático e conversador.

Quando o Itambé foi construído, existiam apenas algumas casas de madeira ao redor, das quais três continuam de pé. Mas logo muitos perceberam o potencial de se estar perto de um aglomerado de quase duas mil pessoas, e o comércio da região começou a crescer. Hoje, além da padaria e do mercadinho, encontram-se restaurante, pizzaria, loja

de roupas, academia de ginástica, escola de línguas e cinco (!) salões de beleza num raio de 200 metros. Ricardo, funcionário do Lava Kar da Ilha – que, além de lavar carros, entrega água e gás –, conta que abriram o negócio há nove anos com o objetivo de atender os moradores do Itambé. Até hoje, se houver fila de espera, a preferência será sempre deles.

Outros condomínios também vieram parasitar a estrutura que surgia ao redor. O vizinho, e quase gêmeo, Verde Mar, foi inaugurado em 1981, com 151 apartamentos. Depois dele, veio o Solar Santa Paula, em 1983, com 96 apartamentos. Já nos anos 90 e com arquitetura mais moderna – varandas e térreo só com garagens –, chegou o Carybe, com 86 apartamentos. Se o Itambé serviu de estímulo para o crescimento dos quarteirões vizinhos, a 1 km dali estava a responsável pelo desenvolvimento de todo bairro: a Universidade Federal de Santa Catarina.

Bem antes de o Itambé existir, na década de 1960, a UFSC foi a primeira instituição a sair do Centro e desbravar o terreno alagadiço da Trindade, onde, até então, só existiam fazendas. A transferência do campus foi gradativa – as obras corriam lentamente devido aos frequentes alagamentos – e só terminou no final da década de 1970. A construção da nova sede foi criticada por muitos que alegavam ser em um bairro muito afastado e de difícil acesso. Porém, a própria universidade reverteu a situação e interferiu nas decisões do Estado na expansão urbana de Florianópolis: se antes se acreditava que a cidade iria crescer em direção ao continente, agora se estimulava a ocupação do interior da ilha.

Uma notícia publicada em 1976 no jornal *O Estado* dizia que “aos poucos o florianopolitano começa a abandonar o centro da cidade e vai residir definitivamente em bairros mais afastados”. Construiu-se uma via expressa que ligava a avenida Beira-Mar até a Trindade e as áreas em volta da universidade foram loteadas e ocupadas principalmente



O condomínio lembra uma pequena vila – há carros estacionados, faixa de pedestre, placas de trânsito e calçadas. Seus 405 apartamentos abrigam estudantes, famílias numerosas espremidas em dois quartos, solteiros com carrões na garagem e idosos de 90 anos





por cidadãos de classe média, à procura dos altos salários da UFSC, da Polícia Militar e da Eletrosul – as duas últimas construíram sua sede na região na década de 70.

E foi assim que o Itambé nasceu, com a característica de abrigar uma diversidade sociológica que ia desde funcionários públicos abastados e coronéis da Polícia Militar a estudantes que esperavam o dinheiro do estágio para acertar as contas no mercadinho. Hoje, o encarregado de conciliar direitos, deveres e vontades dessa salada mista humana é Rodolfo Kaizer, o síndico.

ÀS 8H DA MANHÃ, ALGUNS DOS 20 FUNCIONÁRIOS DO CONDOMÍNIO SE REÚNEM NA PORTARIA, ENTRE ELES ZELADORES, FAXINEIRAS E JARDINEIROS.

Enquanto esperam a hora de bater o ponto, colocam em dia as fofocas da noite anterior. Logo entra seu Kaizer, e a conversa diminui o tom. Ele vira as páginas do livro de ocorrências à procura do que tem para ser feito e começa a distribuir tarefas enquanto os presentes trocam olhares de aborrecimento. “Ele é aposentado, daí fica no pé da gente, sabe?” – explica o porteiro.

O senhor de 54 anos, cavanhaque e anel de rubi prefere ser chamado de administrador de condomínio: “Síndico já é uma palavra muito desgastada...”, justifica. Com uma barriguinha saliente, pode ser visto das 8h às 18h andando de um lado para o outro do condomínio procurando falhas, regando flores, cumprimentando moradores e coordenando funcionários. “Cuidar disso aqui é a minha cachaça. Quem não gosta de traba-

lhar num condomínio bonito assim, né, Luís?”, pergunta ao jardineiro que responde com um sorriso amarelo.

Quando me contaram que o síndico era aposentado da Polícia Militar, logo o imaginei um Coronel devido à disciplina e rigidez com que cuida dos assuntos do condomínio, sempre buscando a perfeição em tudo – até mesmo na cerca-viva que insiste em manter reta e sem falhas. Mas, na verdade, ele era técnico em enfermagem e veio de Minas Gerais a Florianópolis para trabalhar no Hospital da Polícia. Chegou ao Itambé em 1995 e, de cara, viu uma série de coisas com as quais não concordava. No mesmo ano, começou a participar das decisões como subsíndico e conselheiro titular, mas foi só em 2010, com a aposentadoria, que se elegeu síndico e pôde pôr em prática as mudanças que vinha arquitetando há tempos.

Caminhando pelo Itambé, mostra orgulhoso as melhorias de sua gestão: “Antes isso não existia, e olhe agora como é!”. E assim explica como arrumou as calçadas, pôs ordem no estacionamento, implantou a coleta seletiva de lixo e corrigiu a parte elétrica. Essa última foi fácil de convencer os condôminos depois do ocorrido em 2010: a estrutura antiga vinha funcionando desde 1978, quando um belo dia, 15 minutos antes do primeiro jogo do Brasil na Copa, o quadro elétrico de um dos blocos entrou em pane e todo o condomínio ficou sem luz por mais de quatro horas. Hoje, cada bloco é eletricamente independente.

Mas a maior empreitada de sua administração está sendo repintar os prédios.



“Nem em 1978, quando foi construído, o Itambé era tão bonito quanto vai ficar”, não cansa de repetir apon-

tando para a nova pintura em tons de bege e marrom. O trabalho, que começou em setembro e deve ir até março do ano que vem, por pouco não aconteceu – não havia dinheiro depois dos gostos com a parte elétrica.

“Mas daí Deus pôs uma ideia na cabeça do administrador que vos fala”, diz cheio de si. A ideia foi desviar durante 12 meses os R\$5 mil gastos com os 27 subsíndicos do condomínio para fazer a pintura. A proposta foi aprovada na assembleia, extinguiu-se o cargo de subsíndico, contratou-se uma empreiteira e agora 10 homens passam o dia pendurados nos prédios com seus rolos de tinta.

Fica difícil acreditar quando seu Kaizer diz que após o término de sua gestão, no começo do ano que vem, não quer ser síndico novamente. E tudo faz mais sentido quando ele emenda: “Na verdade, eu nem posso. Só se ninguém mais se candidatar”.

APESAR DE TRANQUILO E SILENCIOSO, O MOVIMENTO DA MANHÃ É CONSTANTE.

Mulheres de roupas de ginástica saem para fazer exercício e estudantes retardatários correm para a aula. Os homens da empreiteira vão com galões de tintas enquanto as

faxineiras vêm com baldes de limpeza. É nessa hora que os moradores mais antigos do condomínio sentam nos banquinhos para lembrar os tempos que já se foram. Poucos sobraram, apenas quatro ou cinco de mais de 80 anos. Não se sabe se a nova geração de idosos prefere ficar assistindo à televisão, mas o banquinho sobressalente que colocaram há alguns anos quando eram doze as senhoras que tomavam o sol da manhã hoje está sempre vazio.

Dona Nórdia gosta de se lembrar do tempo em que odiava morar no Itambé. Quando ficou viúva, em 1989, resolveu acompanhar o filho de mudança para Florianópolis – o único dos quatro que ainda morava com ela em Orleans, no sul do Estado. Instalados no Itambé, começou o pavor: “Era horrível. Eu nem podia dormir!” – lembra com a voz tremida, referindo-se aos adolescentes que faziam muito barulho. “Eram uns malcriados. Destruíam tudo, mexiam na caixa de correio dos outros, maltratavam gatos e destruíam ovos de passarinho, além da brincadeira de atropelar os pés das senhoras que conversavam nos banquinhos”. Os tempos sombrios perduraram por muitos anos: “Eu já nem descia mais pro pátio, cheguei a ter começo de problema nervoso”. Até que, há uns dez anos, tudo acalmou. “Ainda arrancam alguns galhos, destroem algumas flores, mas, Meu Deus, a gente nem acredita que é o mesmo Itambé”, suspira aliviada.

Hoje, o filho está casado e dona Nórdia ficou sozinha no apartamento. Mas ela não se

O Itambé tem um jardineiro que trabalha oito horas por dia cuidando das plantas.

Ele rega, aduba, corta a grama e tira folhas e ramos secos para dar espaço a novos rebentos



importa. Duas mulheres ajudam nos serviços da casa, revezando-se para dormir com ela, e os filhos vêm jantar toda semana trazendo os netos. “Eu tentei que tentei mudar desse prédio, mas ainda bem que não deu certo. Hoje não saio daqui por nada!”. Para ela, o melhor do condomínio são as áreas comuns, onde pode ver o tempo passar. “Porque, francamente, de televisão eu já assisto a três novelas! Não há quem aguente!”.

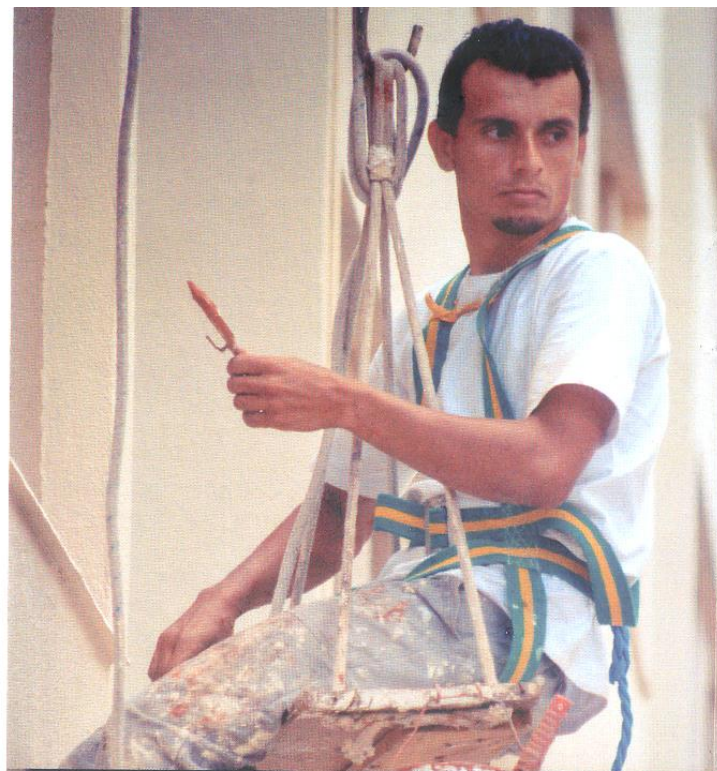
Aos 83 anos, um tornozelo quebrado e duas cirurgias na coluna, dona Nórdia passa grande parte do dia numa cadeira de rodas. Mas, todas as manhãs, dá oito voltas com o andador em frente ao salão de festas, numa calçada larga onde ficam quatro banquinhos de praça. Nos dias em que não está se sentindo bem, dá uma volta só, mas não deixa de andar que é para “não endurecer tudo”. Cansada, a senhora de rosto redondo e cabelo branco muito liso, volta para a cadeira de rodas e fica observando o movimento enquanto conversa com Eliane – uma mulher simpática e corpulenta de roupas justas e coloridas que trabalha para dona Nórdia há mais de dez anos.

Outra senhora se aproxima com sua bengala e senta no banquinho ao lado.

- Bom dia, dona Nórdia! – diz ela.

- Bom dia, dona Terezinha! – responde a amiga.

Dona Terezinha é uma senhora grande, de cabelos loiros armados de laquê e pele com manchas de sol. Usa sombra azul da cor de seus olhos, batom rosa e esmalte branco nas unhas das mãos e dos pés. Apesar de muito arrumada, os olhos caídos e as rugas profundas não deixam enganar que se trata de uma senhora de idade. Diz que mora no Itambé há 36 anos e quando fica sabendo que o prédio só existe há 33, pensa um pouco e retruca: “Ah, então deve ser isso aí!”, sem paciência para fazer contas. Mudou-se com a mãe quando se aposentou do emprego de bancária, mas a mãe morreu





O movimento da manhã é constante. Pintores passam o dia pendurados nos prédios com seus rolos de tinta. Seu Kaizer, o síndico, anda de um lado para o outro procurando falhas, regando flores e coordenando funcionários. Dona Nórdia conversa com Eliane, sua fiel companheira a mais de dez anos. Dona Terezinha conta piadas



logo e há 30 anos mora sozinha no mesmo apartamento térreo.

Dona Terezinha é quieta e só abre a boca para transmitir sabedoria ou contar piada. “Lá vem o homem que esconde a timidez atrás de uma risada”, diz quando avista Joaquim, ex-morador do Itambé que agora aluga seu apartamento a um sobrinho. Joaquim é divorciado e a namorada o obriga a usar aliança na mão esquerda desde que foi passar 21 dias na Itália sozinho.

- Aposto que arrumou uma italiana bonita – provoca dona Terezinha.
- Que isso, dona Terezinha... Foram 21 dias castos! – responde Joaquim, que fica vermelho e ri descontroladamente.
- Olha, Joaquim, você tem que tomar cuidado. Enquanto tá apaixonado é tudo lindo. Daí uma noite, depois do sexo, o homem vira para o lado e dorme. Assim não pode. Tem que conversar, ficar abraçadinho... – diz ela fazendo Joaquim rir ainda mais.

Os dois fofocam sobre as novidades do condomínio, personalidades da cidade e relembram dos que já morreram. “É, a vida a gente tem que aproveitar enquanto há tempo”, diz pensativa. Mas dona Terezinha não dá vez para a melancolia e emenda logo uma piada: “Sabe a semelhança entre uma grávida e um tamanco? Ambos são frutos de um pau duro”.

DONA BERNADETE É UMA DAQUELAS PARA QUEM UM “OI” JÁ É SUFICIENTE PARA DESABAR A CONTAR DE SUA VIDA INTEIRA.

No final da manhã, volta de sua caminhada de calça de ginástica e viseira amarela e fica ali embaixo esperando alguém puxar conversa. A senhora de 64 anos nasceu no Córrego Grande e veio para o Itambé há 14, quando se separou e o marido quis ficar com a casa que tinham construído juntos. Foi subsíndica até a atual gestão excluir o cargo: “Fiquei muito, muito triste quando isso aconteceu.



Gostava de estar sempre em contato com os moradores do meu bloco. E o principal é que não tinha que pagar condomínio...”, lamenta. Ex-costureira e cabelereira, hoje vive da pensão do ex-marido e da ajuda que a filha lhe dá por cuidar da neta de quatro anos.

Como na época da mudança seus dois filhos tinham sete e 14 anos, escolheu o Itambé por causa da grande área de lazer. Em julho de 2008, a área de mais de cinco mil metros quadrados que ficava atrás do condomínio foi fechada por seguranças de uma empresa que alegava ser dona do terreno. Demoliram tudo que havia ali e colocaram uma placa na qual se lê em letras vermelhas: “Propriedade particular”. A ação foi feita ainda de madrugada, e Joaquim guarda a foto que tirou das crianças chorando quando acordaram e descobriram que, a partir daquele dia, as brincadeiras seriam limitadas ao pequeno parquinho em meio aos prédios.

Seu Kaizer explica que há muitos anos o espaço era um terreno baldio do qual os moradores do Itambé foram se apropriando: colocaram uma cerca em volta, construíram quadras, churrasqueiras e plantaram árvores. “Legalmente, aquele lugar nunca pertenceu ao condomínio, mas também não é da empresa, e sim patrimônio da União”, esclarece o síndico. Um documento pendurado no mural do lado de fora do salão de festas pede que não se desesperem, pois o possível está sendo feito, mas, infelizmente, é preciso aguardar decisões burocráticas.

Bernadete já perdeu as esperanças: “Passou até na TV e não adiantou nada”. Hoje os escombros estão escondidos por um matagal que “só serve pra criação de pernilongo”, diz ela com um rancor comum a quase todos os moradores. Não são raros os que se lembram da amada área de lazer com lágrimas nos olhos.

Nesse episódio quem levou a pior foi o prefeito de Florianópolis Dário Berger. Da empresa que demoliu tudo e do advogado

que atrasou o processo, quase ninguém sabe os nomes, mas todos narram com detalhes o dia em que o então candidato foi até o Itambé prometendo reaver o terreno e doar parte ao condomínio em troca de votos. Da outra parte seria feito um abrigo para idosos. Dário foi eleito e nunca mais deu as caras. Nem é preciso dizer que muitos palavrões são proferidos quando se conta essa história.

COM O SOL A PINO, RECOMEÇA O ENTRA E SAI – CHEGA O PORTEIRO DA TARDE, VAI O PORTEIRO DA MANHÃ; ALGUNS CHEGAM PARA ALMOÇAR, OUTROS VÃO PARA OS RESTAURANTES. Na cozinha dos funcionários come-se o risoto que sobrou da festa de uma moradora. O cheiro de bife à milanesa e o barulho de louças e talheres espalham-se pelo condomínio. De uma janela escuta-se um filho ajudando a mãe a pendurar uma cortina: “Mãe, eu vou fazer do meu jeito. Não posso ficar te esperando, tenho que ir embora!”, esbraveja perdendo a paciência.

O calor deixa o pátio vazio. Os homens da empreiteira descansam deitados na sombra de uma árvore enquanto o jardineiro e o auxiliar de zelador tentam consertar um rádio de pilha que encontraram no lixo. Uma senhora passa com o casaco na cabeça para se proteger do sol e crianças saem para a escola acompanhadas de suas mães. Naquela moleza de depois do almoço, as faxineiras sentam para fofocar e ler revista – sempre com os celulares nas mãos.

Um senhor magro, careca e curvado como uma foice para embaixo da sombra de uma árvore e acende um cigarro. Depois de cada tragada, abre e fecha a boca rapidamente como se estivesse confirmando o gosto. Olha para o cigarro em suas mãos com cara de “tá estranho”, mas continua fumando mesmo assim. Depois desse, acende mais uns três e volta para o seu apartamento. A cena se repete de cinco a dez vezes no mesmo dia e sempre no mesmo lugar:

“Esse é o meu cantinho”, diz ele apontando para a sombra.

Seu Jairo é conhecido no condomínio, afinal, é difícil não reparar. O que poucos sabem é que “o cara estranho” mora com sua sobrinha e os três filhos dela e não fuma em casa por causa das crianças. Sabe que o cigarro faz mal para ele também, “Mas...”. Aos 57 anos tem a voz rouca, os dentes amarelos e fala com dificuldade. Tão absorto em seus cigarros, não costuma reparar quando é encarado por curiosos e sorri amigavelmente àqueles que o cumprimentam.

Outro senhor também é famoso por seus hábitos excêntricos: seu Fúlvio, de 89 anos, cuida das plantas do canteiro em frente ao bloco B6. Ao final de cada via há um espaço com flores e árvores, que teoricamente pertence ao condomínio e, por isso, deveria ser trabalho do jardineiro. Mas é visível que o do seu Fúlvio é o mais bonito de todos. Ele e a esposa se mudaram de Lages para Florianópolis há 27 anos, quando sua única filha se casou. Foi ela quem comprou o apartamento no Itambé e mandou uma carta para os pais dizendo que “iam amar”. Mas não foi bem assim. “A primeira vez que estive aqui pensei: ‘onde raios foram me meter?’”, confessa dona Áurea.

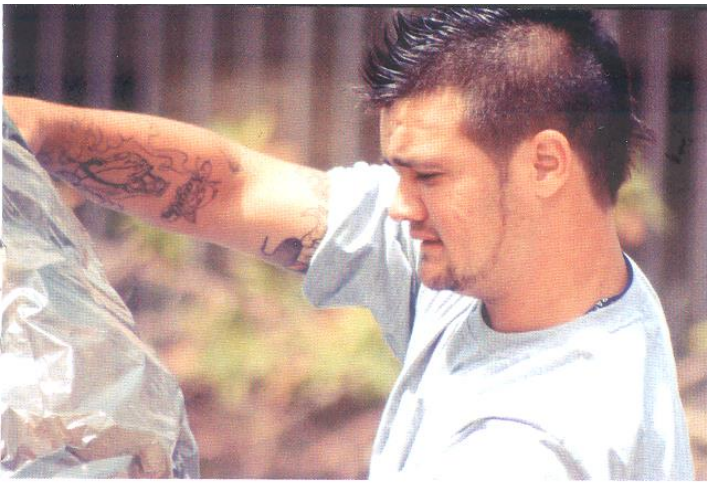
Ela conta que o apartamento de três quartos estava em reforma e que na pequena sala havia azulejos empilhados no chão e gaiolas de passarinho no teto: “Era escuro e quente. Meu marido disse que se sentia preso como os passarinhos”. Acostumados a morar em casa, a solução foi derrubar a parede de um dos quartos e aumentar a sala para conseguir mais espaço. O resultado foi um ambiente iluminado e arejado com tacos de madeira no chão e samambaias no teto. As fotos de família, os tapetes, os patos de porcelana em cima da mesa de centro e a louça antiga guardada na cristaleira completam a típica casa de vô e vô.

“Desculpe as cortinas estarem fechadas. É que nessa hora bate sol e eu cuido muito

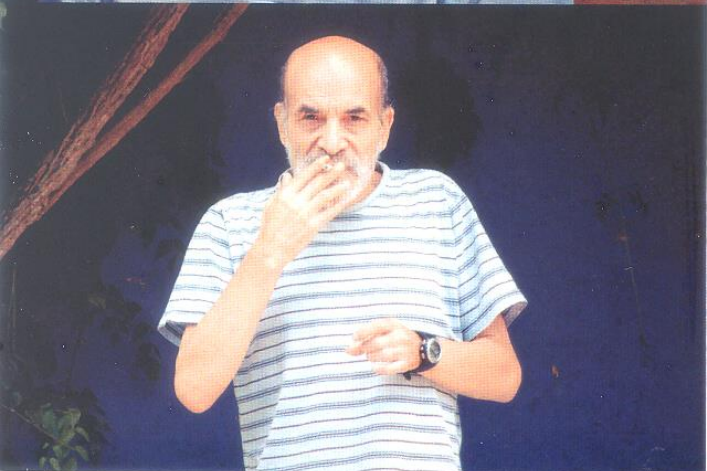
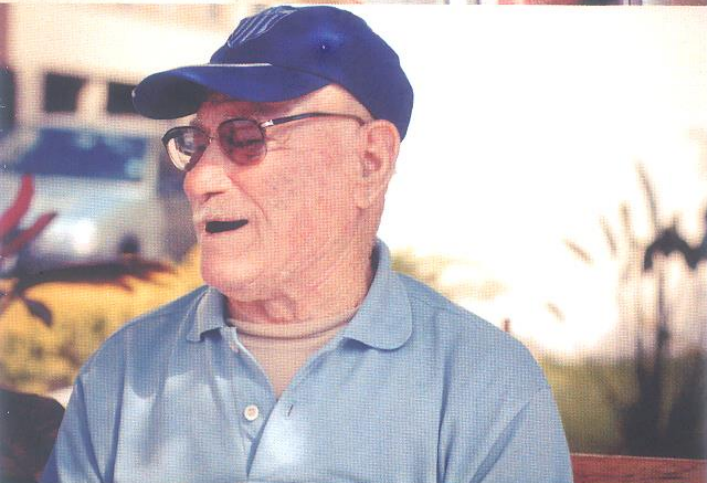
bem dos meus móveis”, diz a senhora baixinha de seios fartos e cabelo bagunçado. Aos 76 anos é uma daquelas pessoas que está sempre sorrindo e é preciso olhar em seus olhos para saber o que sente. Por exemplo, quando diz que todas suas amigas já morreram ou se mudaram do Itambé, diz sorrindo, mas os olhos mostram saudades. Quando conta da vez em que chamou a atenção da menina de baixo, que cantava muito alto no chuveiro de madrugada, e ouviu-a comentar com a colega: “O que essa velha tá reclamando de novo?”, conta sorrindo, mas com rancor nos olhos. Ou quando se lembra do problema que a neta mais nova tinha nas pernas que a impedia de andar, se lembra sorrindo, ainda que dos olhos escorram algumas lágrimas.

Hoje dona Áurea não mudaria do Itambé por nada. Fica feliz por não ter um quintal para cuidar e por não se preocupar com a segurança. “Aqui conheci pessoas maravilhosas!”, conta. “Eu só tirava os estudantes”, completa com uma risada. Mas até ela reconhece que o número de universitários vem diminuindo bastante nos últimos anos. Pode ser apenas uma fase, mas o porteiro arrisca que muitos eram atraídos pela área de lazer que hoje não existe mais. “Quando chegam na portaria, primeiro perguntam se tem apartamento pra alugar e depois se tem churrasqueira. Quando eu digo que não, logo desistem”, conta Darlo, porteiro há dois anos.

ÀS 14H TERMINA O HORÁRIO DE ALMOÇO DOS FUNCIONÁRIOS DO ITAMBÉ E O MOVIMENTO VOLTA AO NORMAL. “Ai, vou ter que varrer tudo isso aí...”, coça a cabeça Luan quando vê a arte que as crianças aprontaram no parquinho: forraram de areia todos os bancos. Filho do porteiro, conseguiu o emprego de serviços gerais no Itambé depois de ter sido servente, entregador de bebida e sócio numa lavagem de carro. Aos 21 anos, tem quatro nomes de mulher tatuados em seu corpo. Valéria, sua mãe;



Luan, o faz-tudo. Seu Fúlvio, o jardineiro por prazer. Seu Lapa, o aficionado por futebol. Seu Jairo, o fumante excêntrico



Nágila, uma amiga que morreu; e duas vezes Luciana, sua ex-mulher. Os três últimos ele quer cobrir com outra tatuagem. Só o da mãe vale carregar para sempre.

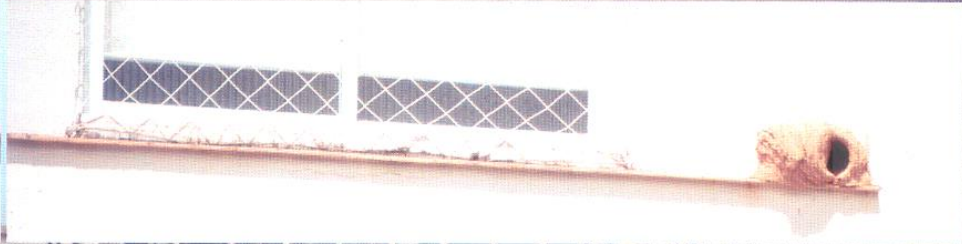
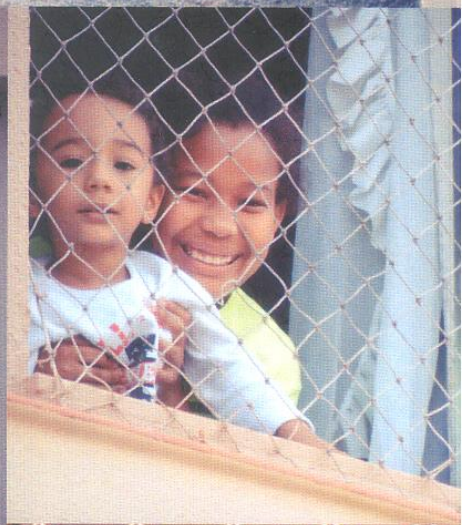
No condomínio, Luan faz de tudo, mas tudo com preguiça. Sua principal função é tirar o lixo. Cada morador deve levar seu lixo até as lixeiras que ficam num quartinho embaixo de cada bloco. Ao faz-tudo cabe transportar, com a ajuda de um carrinho, o conteúdo dessas lixeiras para as que ficam na casinha do lixo em frente ao prédio e que vão para a rua no final do dia. Tranquilo, se não fossem 27 blocos. Na segunda-feira, o trabalho demora o dia inteiro, pois é acumulado de todo o fim de semana.

Luan reclama do sol, do peso do carrinho, do cheiro ruim. “Quer ver quando uma das faxineiras se mete a abrir o lixo à procura de alguma coisa. Daí bagunça tudo!”, diz com cara de nojo. Quer largar o emprego, mas faz as contas e percebe que entre a multa de trânsito, o conserto da moto, as prestações do laptop e as roupas de grife que comprou, deve dinheiro a bastante gente.

- Ano que vem eu largo tudo então! – diz com convicção.
- E aí vai fazer o quê? – pergunto.
- Ficar em casa – responde.
- E vai ganhar dinheiro como? – insisto.
- É que eu moro com a minha tia e quando estou desempregado arrumo tanta confusão que ela me paga para não sair de casa – explica com um sorriso maroto.

Apesar da pinta de malaco, Luan é conversador e está sempre fazendo brincadeirinhas com faxineiras: “Tá vendo aquela ali?”, diz apontando para uma delas. “Tem uma filha de 16 anos e eu chamo ela de ‘minha sogra’, só pra encher o saco”, conta rindo. Luan adora passear pelo condomínio de ouvidos bem abertos para depois contar ao porteiro as fofocas que escutou: “Aquele casal lá dos fundos tava brigando hoje de manhã. Jesus, como aquela mulher gritava!”.





Mais comedido com os moradores, o faz-tudo se limita a sorrisos e acenos de cabeça. Mas tem um que não escapa de seus gracejos. Num banquinho, está sentado um senhor pequeno e mirrado. Luan vai logo mexendo com ele: “Ô, avaiano! Timezinho ruim, hein?”.

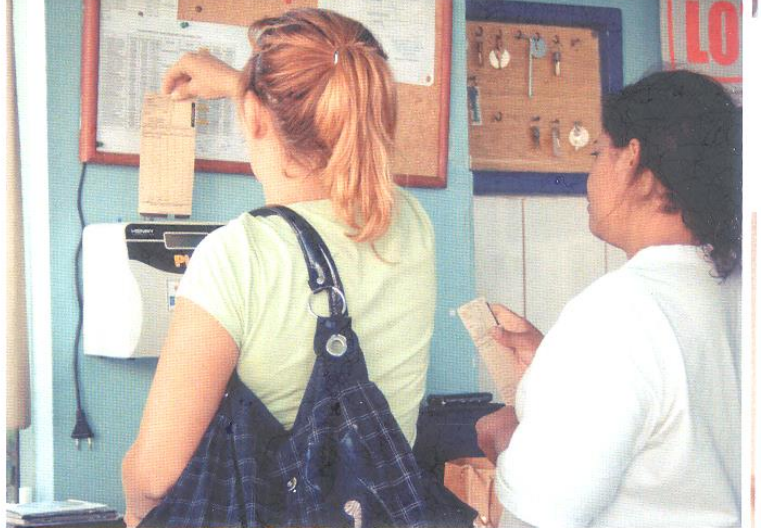
Com ou sem sol, seu Lapa nunca tira o boné do Avaí. “Olha, eu sou católico-apostólico-romano relaxado e o futebol é minha devoção”, explica. Aos 84 anos, tem apenas uma penugem na cabeça, sobrancelha e bigode totalmente brancos. Os olhos pequenos e azuis estão sempre lacrimejando e, por isso, carrega um paninho nas mãos: “Espera que vou enxugar os olhos”, repete a cada minuto.

Todos que passam por ele desejam “bom dia” ou comentam da partida de futebol na noite anterior. E é assim que ele gosta que seja.

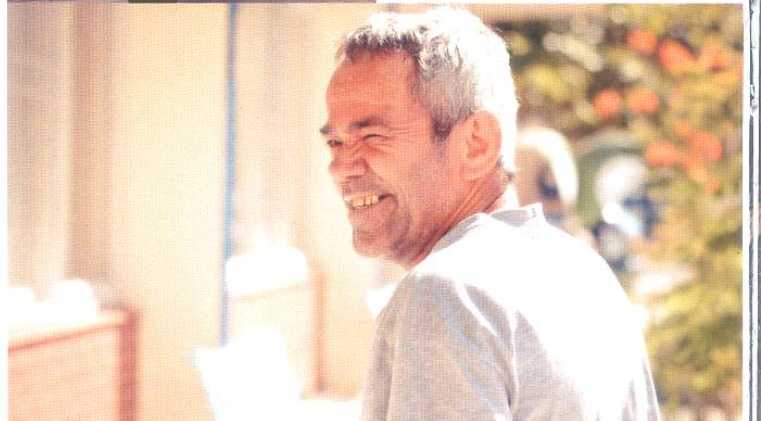
- Você sabe o nome dessas pessoas que passam e não cumprimentam? – pergunta.
- Mal-educados? – arrisco.
- Não. São múmias. Porque múmias não falam. – responde.

Seu Lapa não recorda há quantos anos mora no Itambé: “Ah, desde o começo”. Também não lembra há quanto tempo está casado e nem quantos netos tem. Aliás, faz uma pausa entre as frases como se precisasse buscar cada pensamento numa gaveta lá no fundo – alguns dos quais devem estar guardados no lugar errado. Ele conta com detalhes que, quando chovia, formavam-se poças d’água no chão de areia do condomínio e, certa vez, um carro passou por uma delas e o molhou todo – “E o safado nem pediu desculpas!”, esbraveja. Ninguém duvida de que a história realmente tenha acontecido, porém, não no Itambé – com chão de pedras desde que foi inaugurado.

Apesar de o Real já estar em circulação há 17 anos, seu Lapa parou no Cruzeiro. “É dez cruzeiros a hora”, diz a uma mulher



Vinte funcionários trabalham todos os dias no Itambé – entre zeladores, faxineiras, jardineiros e porteiros. O síndico não perdoa: se bater o ponto errado, o salário vem menor no fim do mês



que quer fazer aulas de bordado com sua esposa. “Cinco cruzeiros? Tudo isso?”, se indigna quando um homem vem pedir ajuda para uma associação carente. “Eu pago 300 cruzeiros de condomínio pra esse síndico pintar meu prédio de cor de burro quando foge. Eu preferia quando era azul do Avaí”, pragueja. O senhor fala de dinheiro o tempo todo e repete todas as vezes em que fica um silêncio na conversa: “Quanto você vai me pagar por essa entrevista?”.

Seu Lapa nasceu no Pântano do Sul onde o pai era pescador. “Sabe que vento é esse?”, pergunta ao sentir uma brisa nas costas. “É do quadrante sul”, responde logo em seguida. Depois de terminar os estudos no colégio, sem ter o que fazer, foi pescar também. Trabalhou em barcos pesqueiros e sabe de cor o nome das praias desde Maldonado no Uruguai até Cabo Frio no Rio de Janeiro. Foi num baile dançante que conheceu sua esposa, Dilma. Chamou-a para dançar e, ao terminarem, um amigo perguntou se ela era boa. Seu Lapa disse que não: “Ih, a moça é uma pedra”. Mas era mentira, “Só falei aquilo pra ele não tirar ela também”, conta.

Dilma morava na Lagoa da Conceição e ia a pé até o sul da ilha visitar o amado. Logo se casaram, e seu Lapa conseguiu um emprego numa repartição pública. Mudaram para o Itambé e lá tiveram, criaram e se despediram de cinco filhos. A mais nova foi a única que ficou por perto: comprou um apartamento no bloco vizinho. É ela quem faz compras de supermercado para os pais e leva seu Lapa para visitar os parentes no Pântano do Sul. Ele nunca aprendeu a dirigir: “Só sei dirigir barco”, explica.

- E o senhor não sente falta de pescar? – pergunto curiosa.

- Eu não. Já pesquei muito nessa vida.

Agora eu pesco no mercado. Tem sempre peixe no meu freezer – responde fazendo pouco caso.

Todos os dias, acorda às 6h da manhã, faz café e às 8h desce para comprar pão na padaria. Anda devagar com passos curtos e imprecisos, desequilibrando a cada pisada. Duas vezes por semana, uma moça ajuda nas tarefas de casa e, de quebra, trabalha de manicure para o seu Lapa – que mostra orgulhoso as unhas lixadas, sem cutícula e com base transparente. “Ela queria pintar de azul do Avaí, mas daí eu não deixei, né!?”, abre um sorriso.

NO MEIO DA TARDE, O SOL BATE DOÍDO NO PÁTIO, E TODOS QUE PODEM SE PROTEGEM EM LUGARES COBERTOS. Um caminhão das Casas Bahia entrega uma encomenda enquanto uma mãe passeia pelas calçadas carregando seu bebê chorão no carrinho. Os homens da empreiteira começam a preparar outro prédio para receber a pintura, limpando as paredes com jatos d’água e lixando as grades das janelas.

Espremida entre o salão de festas e a lateral de um dos prédios, fica a sala de ferramentas, e é ali que o zelador passa grande parte do dia. Airton tem 49 anos e já perdeu a conta de quantas tatuagens tem espalhadas pelo corpo. Usa pulseiras, dreadlocks no cabelo, e três anéis em cada mão. Quando começou a trabalhar no Itambé, tinha apenas 18 anos. Era o dia 1º de abril de 1980, e havia sido liberado do exército depois de provar que a avó, com quem morava, precisava dele por perto.

É conhecido como “o das tatuagens”, mas quem convive com ele um pouco mais percebe que sua principal característica é o enorme coração. Por estar há tanto tempo no condomínio, trata todos como família. Abraça os velhinhos e escuta atentamente suas histórias, ensina os funcionários mais novos com a paciência de um pai e atende a todos os pedidos dos moradores com o carinho de uma mãe. Quando me via no sol, logo oferecia: “Quer um copo de água bem



A portaria é 24 horas, e, nos turnos da noite e da madrugada, trabalham dois porteiros. Airton, o zelador tatuado, é o funcionário mais antigo do Itambé. Isene, mãe de três, está sempre perambulando pelo condomínio

geladinha?”, e juntos íamos até o bebedouro na cozinha dos funcionários.

Foi pelo tempo de permanência no condomínio que acabou virando zelador. Mas não daqueles que passam o dia sentando e, de vez em quando, trocam uma lâmpada – “Aqui são prédios velhos com coisas velhas. Tem serviço o tempo todo”, diz enquanto restaura as janelas dos corredores que estavam podres. Corta vidro, prega madeira, passa massa corrida. “Eram 34 e só faltam dez!”, comemora.

Quando chegou ao Itambé não sabia muita coisa. “Até fiz uns dois cursos de eletricitista, mas o que aprendi foi na prática mesmo”. Com essa experiência construiu a casa em que mora hoje com seus dois filhos. As tatuagens vieram quando se separou – “A vida muda, né?” – e com o tempo se tornaram mais que um hobby. Toda semana Airton faz curso de tatuador e quer abrir seu próprio estúdio assim que se aposentar, em três anos. “O problema é que eu ando enchendo a cara. Bebendo todas. E, se eu quiser tatuar mesmo, tenho que ficar limpo...”, diz com desesperança.

Enquanto trabalha, Airton é interrompido por um jovem esbelto e engravatado que

pergunta se há algum apartamento à venda no condomínio. Max é da imobiliária e conta que um de seus clientes só virá para Florianópolis, se for para morar ali. “O Itambé é o melhor custo benefício da região. É o mais barato que se pode encontrar com segurança 24 horas e tão bem localizado”, diz. Além de estar a menos de 20 minutos a pé da universidade, do shopping, de escolas, mercados e academias de ginástica, o condomínio tem a vantagem de ser próximo à avenida Beira-Mar, possibilitando a seus moradores escaparem facilmente do trânsito enfrentado em bairros vizinhos, como Córrego Grande e Pantanal.

O Itambé é considerado de classe média, puxando para a baixa. O aluguel de um apartamento de dois quartos sai por mais ou menos R\$900. Se quiser comprar, são R\$ 160 mil. Seu Kaizer, o síndico, estima que atualmente 60% dos apartamentos do condomínio sejam alugados. “Só compram ali os pais de universitários, que acham que vale o investimento, ou pessoas com o objetivo de sublocar”, diz o corretor. Max explica que, apesar das qualidades, o Itambé tem a fama de ser bagunçado. “O que eu não sei se ainda é verdade. Ultimamente tenho alugado para muitas famílias”, conta.



ÀS 17H50, LUAN COLOCA NA RUA AS 16 LIXEIRAS COM TUDO O QUE FOI JOGADO FORA NO DIA ANTERIOR, PEGA O CAPACETE DE SUA MOTO E SE DESPEDE. Já quase na saída, seu Kaizer o aborda, aponta para a cesta de lixo em frente ao condomínio que ainda está cheia e diz: “Vem cá, eu te contrato não é pra tirar o lixo?”, e emenda antes mesmo do rapaz ter tempo de responder: “Ainda falta muito pras 18h. Pode tratar de tirar isso daqui”. Luan faz o serviço reclamando enquanto seu Kaizer vai para a portaria e continua no mesmo tom:

- Você tem que admitir que errou! – diz para um dos porteiros que supostamente fez confusão na hora de entregar os boletos aos moradores.

- Mas, seu Kaizer... – reivindica ele.

- Não importa. Errou tem que admitir – diz com firmeza e sai para regar as plantas.

“A coisa mais difícil que eu fiz nesse condomínio foi domar os funcionários. São uns malandros! Daí, quando percebem que tem alguém no comando, põem o rabo entre as pernas e acreditam na gente”, esbraveja seu Kaizer enquanto molha pacientemente o jardim.

A SOMBRA DOS PRÉDIOS REFRESCA O CONDOMÍNIO, E RECOMEÇA O ENTRA E SAI NO ITAMBÉ. Alguns chegam com

sacolas de supermercado e com os filhos da escola, outros saem para fazer exercício, encontrar os amigos e passear com o cachorro. O sol vai embora, e com ele os afazeres do dia. Agora são os jovens e as crianças que têm tempo para ficar de bobeira. Os banquinhos, onde antes senhores e senhoras se sentavam para ver o movimento, estão ocupados pelas funcionárias da padaria, que tomam chimarrão e conversam animadamente com rapazes loiros e ruivos de sotaque tão marcante quanto o delas.

Na portaria, a movimentação é intensa. Além do abre e fecha do portão, os porteiros se encarregam de distribuir a correspondência que chegou durante o dia: um deles separa por blocos, e o outro vai colocar nas caixas de correio. As encomendas precisam ser recebidas pessoalmente. “Alô, dona Mariana? Tem um pacotinho aqui embaixo pra você”, avisa pelo interfone.

Todos os porteiros sabem nome, bloco e apartamento da maioria dos moradores – alguns até o carro e onde costumam estacionar. Cumprimentam com alegria os que passam, e não é à toa que, vira e mexe, um fica por ali jogando conversa fora.

- Oi. Minha mãe já chegou? – pergunta uma menina.

- Já, querida. Sua mãe tá lá no banquinho

conversando com a dona Dalva. – responde o porteiro de prontidão.

TÃO IMPECÁVEIS QUANTO SAÍRAM ÀS 7H DA MANHÃ, VOLTAM OS BOMBEIROS E POLICIAIS MILITARES. O Itambé está localizado perto dos centros de ensino das duas instituições e por isso muitos de seus moradores usam fardas. Os de vermelho são os bombeiros, e os de cáqui, policiais. Ambos de porte atlético e bem-educados, porém, os primeiros levemente mais simpáticos. “É que a profissão do bombeiro é muito bem vista pela sociedade, e, por isso, as pessoas já olham pra gente com aquela cara de ‘óin, um bombeiro!’”, justifica Veiga, bombeiro, é claro.

Veiga divide um apartamento térreo no Itambé com dois colegas de classe. Sorte que as janelas dão para um jardim, e assim podem ter mais privacidade. “Mas, quando queremos ficar sem camisa, fechamos a cortina pra não virar um Big Brother”, diz Veiga se referindo ao bloco em frente que fica a menos de 6 metros. Na sala quase sem móveis, há uma tábua de passar, cabides pendurados na parede e um minibar desativado, que agora serve para guardar alimentos. Veiga divide um dos quartos com um colega, e Mafra, que foi quem conseguiu o apartamento, dorme sozinho no outro.

Para se tornar um bombeiro militar, são necessários alguns requisitos, como ter ensino superior e mais de 18 anos. O primeiro passo é prestar o concurso público, no qual o candidato passa por teste intelectual e exame médico, físico e psicológico. Os aprovados fazem, então, o curso de formação – que em Santa Catarina só é oferecido em Florianópolis – durante o qual aprendem a exercer todas as funções de um bombeiro. Na formatura, recebem o título de soldado e são enviados para qualquer unidade no Estado que esteja precisando de gente – normalmente as do interior.

Os três moradores se conheceram no concurso, quando Mafra emprestou dinheiro para Veiga pagar o xerox. Hoje, só os dois voltaram para a casa, Netto ficou de sentinela no quartel. O curso de formação começou em setembro e se estenderá até maio. As aulas vão das 7h45 às 19h, e mesmo aqueles que são escalados para passar a noite no quartel devem comparecer: “A gente fica cochilando na aula, mas tem que ir, né?!”, confessa Veiga.

Veiga tem 24 anos e exibe a foto de seu casamento no fundo de tela do laptop. A esposa ficou em Navegantes, a 110 km ao norte de Florianópolis, mas promete mudar com ele para onde for. Alto e forte, está sempre sorrindo e conta que desde pequeno sabia que seria militar – profissão de muitos em sua família. Prestou o concurso assim que se formou em Educação Física e não se importaria em ser mandado para trabalhar numa cidade pequena do interior. “Eu gosto de tranquilidade. Só vou sentir falta da praia...”, suspira.

Mafra tem 22 anos e também vem de uma família de militares, mas ao contrário de seu amigo, não se imagina fazendo isso por muito tempo. “Ser bombeiro não é minha vocação, mas é um bom começo. Traz estabilidade financeira e sobra tempo pra fazer outras coisas, já que um bombeiro normalmente trabalha 24 horas e folga nos dois dias seguintes”, explica acompanhando com as sobrancelhas enquanto fala. Em Itajaí, onde morava, formou-se tecnólogo em Gestão Portuária e quer continuar estudando nas horas vagas. Apesar de estar cercado por mais de 1.600 pessoas, ele acha o condomínio tranquilo demais. “Às vezes vêm umas crianças na janela e ficam conversando com a gente, mas, fora isso, não conhecemos ninguém ainda...”, diz desapontado. “É que eu gosto de bagunça”, completa com um sorriso tímido.

Num dia qualquer no Itambé, o auge da bagunça acontece por volta das 20h, quando, aos poucos, o barulho dos carros e



Depois de uma tarde de sol forte, crianças voltam da escola acompanhadas de suas mães, e recomeça o entra e sai no Itambé



do portão abrindo e fechando é substituído pelo alvoroço das crianças. Elas surgem de todos os lados e são de idades e tamanhos variados. Umhas ainda de uniforme, outras já de banho tomado. Às vezes se juntam para brincar de pega-pega ou se separam para jogar RPG e andar de patins.

A toda hora uma delas vai até a portaria interfonar para um amigo que ainda não desceu: “Ah, nem tá tão frio e tá todo mundo aqui embaixo!”, insiste um deles. Uma menina chega cabisbaixa e vai logo desabafando com o porteiro: “A Letícia e a Marina brigaram, e agora a Letícia não fala mais comigo porque um dia eu falei com a Marina... Poxa, ela é muito ciumenta!”, diz quase chorando. “Ih, querida, nem te abala que é assim mesmo”, consola o porteiro.

Dois meninos apostam corrida na calçada:

- Ah, não valeu! – diz o pequeno que chegou em segundo lugar – o Pedro cortou a minha frente!
- Nada a ver! Nem cortei! – retruca Pedro.
- Assim não vale! – zanga-se o pequeno.
- É, Pedro, você rouba demais! – dizem os amigos que estavam assistindo à competição.

Pedro vai para o parquinho e fecha a cara.

No parquinho, a luz dos postes é muito fraca para vencer a sombra das árvores e as crianças jogam bola no escuro. Três meninas de uns 12 anos conversam numa rodinha: “Como assim você ficou com ele?”, pergunta uma indignada. “Ah, pelo MSN, ué!?”, responde a outra como se fosse óbvio. No mesmo esquema, conversam três mães nos banquinhos – que, segundo o porteiro, são os “banquinhos da fofoca”.

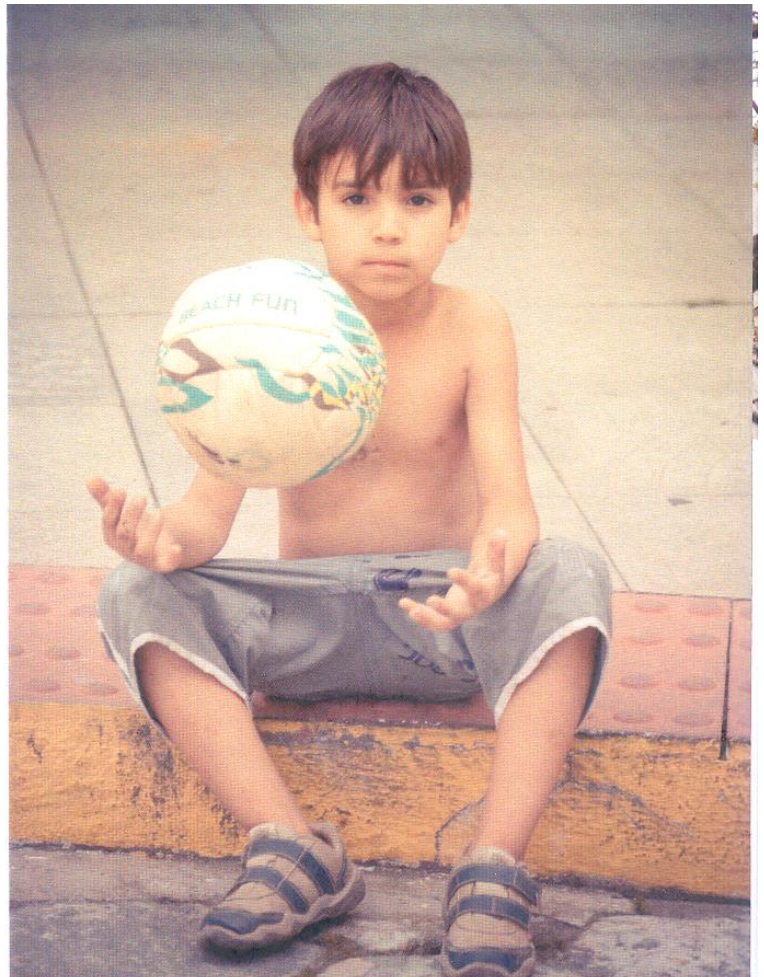
Uma delas é Isene, que veio morar no Itambé há dez anos, quando sua filha Alessandra era um bebê. Na época já tinha Pedro, hoje com 13 anos. Com o tempo, a família ganhou mais membros: nasceu Vitor,

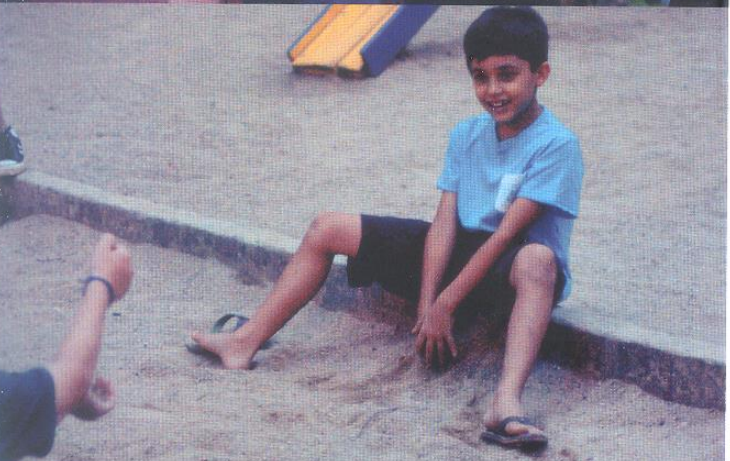
de sete anos, chegou o tio Jairo (aquele dos cigarros), cada filho ganhou um gato, vieram dois cachorros, três passarinhos e um porquinho da Índia. A trupe mora num apartamento de dois quartos, e a mãe diz que não é tão apertado porque os filhos só chegam para comer e dormir: “Quando não tão brincando lá embaixo, tão na escola”. Num quarto dorme o tio, e, no outro, Isene, o marido e as crianças num tri-beliche. “E os bichinhos ficam comigo na cama. Coloco o marido bem pro canto”, explica dando risada.

Aos 36 anos, tem as pernas finas, o tronco gordinho e o rosto redondo. Não trabalha, mas faz todos os serviços de casa, além de cuidar da sobrinha de quatro anos. “Os animais são os que menos incomodam. Os gatos fazem xixi no box do banheiro, e os cachorros a gente tem que levar pra passear só uma vez ao dia”, diz com tranquilidade. Um dos cachorros cresceu demais e foi mandado para a casa da mãe de Isene em Rationes. As crianças também estão crescendo e o tri beliche já ficou pequeno para o mais velho. A família planeja se mudar do apartamento de dois quartos para uma casa em Canasvieiras. “Mas nem se preocupem, as crianças vão continuar estudando aqui perto, e eu venho todas as tardes incomodar vocês”, diz para as amigas.

“GABRIEL, TUA MÃE TÁ TE PROCURANDO; GRITA O PORTEIRO PARA UM MENINO GORDINHO. É hora do jantar e o condomínio volta a esvaziar. Pelas janelas veem-se TVs ligadas na novela e pessoas diante dos computadores.

O cheiro de molho de tomate da barraquinha de cachorro-quente pode ser sentido do último bloco. Todos os dias, menos domingo, os irmãos Charles e Felipe estacionam sua minivan em frente ao Itambé e, às 19h, já estão prontos para servir. O movimento fica bom mesmo depois das 21h, quando a preguiça – ou a falta de comida em casa –



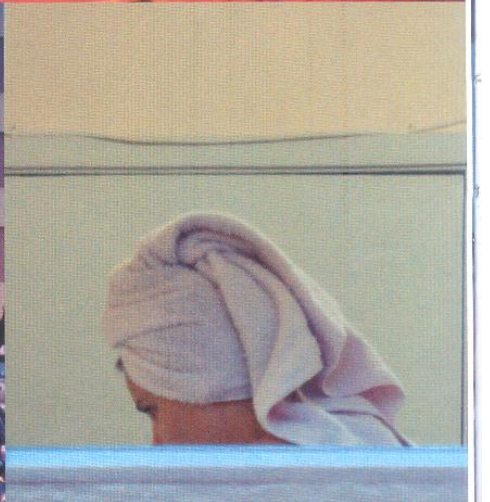


faz do dogão de R\$3,50 uma boa opção para um jantar de última hora. Alguns moradores o levam para comer em casa, outros apreciam seu cachorro-quente nos banquinhos de plástico em volta da minivan. Além de pão, salsicha e molho, o sanduíche também pode incluir cebola, milho, ervilha, queijo, tomate e batata palha.

O trabalho dos irmãos começa antes da barraquinha abrir: às 17h, ainda em casa, cozinham as salsichas e picam o queijo e a cebola. Toda segunda-feira passam o dia fazendo compras e preparando o molho de tomate, que depois congelam em potes de sorvete. A barraquinha fica aberta até às 23h, mas só vão dormir mais tarde porque ainda tem que limpar a minivan. Pela manhã, os dois trabalham em outros serviços, e, apesar de o negócio dar lucro, estão começando a achar que talvez não tenha sido uma ideia tão boa. “A gente não tem mais tempo pra viver, e, poxa, é legal malhar um pouco, né?”, diz Charles, o mais velho e mais forte dos irmãos.

UMA SENHORA ENTRA DE CARRO E ESTENDE A MÃO PARA ENTREGAR UMA SACOLA AOS PORTEIROS: “Trouxe da padaria pro café de vocês”, diz sorrindo. É um pacote de sonhos de chocolate. “Esse pessoal quer engordar a gente pra matar em dezembro!”, ri um deles que se lambuzou de açúcar.

O Itambé não tem câmeras de vigilância e, por isso, no turno da noite e da madrugada sempre trabalham dois porteiros – enquanto um cuida da portaria, o outro faz a ronda, que é controlada eletronicamente. O porteiro carrega um bastão eletrônico, e no final de cada via há um sensor. Quando o bastão entra em contato com o sensor, marca a hora que o porteiro esteve ali. Ao passar por todos os sensores, o bastão apita avisando que a ronda terminou, e, depois de um determinado tempo, apita novamente avisando que está na hora de uma nova ronda começar.



Uma moradora, montada em sua moto, chega para o porteiro da ronda e avisa que mais uma vez ela não conseguiu acessar sua vaga porque um carro estacionou errado. “De novo!?”, exclama o porteiro. “Vem cá que eu vou mostrar pra você ver como eu não tô sendo chata. Meu Deus, me dá vontade de chorar!”, diz ela com a voz embargada.

O carro da direita parou muito perto do da esquerda, não deixando o espaço necessário para a moto estacionar entre os dois. Acontece que o regimento do condomínio não prevê vagas para motos. Em alguns blocos, seu Kaiser conversou com os moradores e conseguiu transformar o espaço de um carro em vagas para 10 motos, mas no caso de Edna seus vizinhos não aceitaram a proposta, e, por isso, precisa encaixar a sua entre dois carros. Com a ajuda do porteiro, conseguem fazer caber, mas de um jeito que trava a porta do carro. “Quem sabe assim o dono não aprende de uma vez?”, diz ela sorrindo.

Como o Itambé foi construído numa época em que carros não eram tão populares quanto hoje, não se imaginava que um apartamento pudesse ter até cinco veículos. São 211 vagas dentro do condomínio, que esgotam ainda no começo da noite, por mais encaixes que se façam – há carros até nas esquinas das vias. “Estacionei lá fora, mas se alguém sair, me interfone que eu trago aqui pra dentro, pode ser?”, pede um morador.

DEPOIS DAS 22H, ESTUDANTES VOLTAM DE SEUS CURSOS NOTURNOS. JOSEPHINE CHEGA, JANTA E TOMA BANHO LÁ PELA MEIA-NOITE. É dela que dona Áurea reclamava. “É, eu canto um pouco alto no chuveiro mesmo...”, admite constrangida a morena de quase 1,80 m e voz poderosa. “Mas ela também arrasta móveis e faz o maior barulho”, retruca. Jose tem 24 anos, veio de São Paulo

para estudar Engenharia de Produção na Universidade Federal e conheceu Angélica, dona do apartamento, através de um site de procura por moradia. Thaise, a terceira moradora, é colega de faculdade de Angélica – ambas fazem Administração.

O apartamento é exatamente em cima do de dona Áurea, mas aqui a parede foi mantida e cada garota tem o seu quarto. Na cozinha, há um relógio parado e um varal lotado de roupas que parecem secas há dias. Na sala, pintada de amarelo ovo, há um sofá, uma mesa, uma TV que está sempre ligada e um freezer no qual congelam as comidas que a mãe de Angélica manda. “A gente gosta daqui. É um bom preço e pertinho do shopping.”, diz Thaise. “Mas, na verdade, do condomínio a gente só usa a garagem...”, admite.

Danilo passa pela portaria um pouco depois. Ele estuda Sistemas de Energia no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) no centro, e por isso demora mais para chegar. Como trabalha durante o dia, mal sabe qual a aparência do Itambé à luz do sol. “Eu saio muito cedo e chego muito tarde, então, pra mim é sempre assim, tranquilo”. Mas, se o rapaz não conhece ninguém, muitos no condomínio sabem quem ele é: o dono da Kombi azul de cortinas xadrez. Celeste, como chamam o carro, só sai nos finais de semana, quando carrega em média 12 amigos para a praia.

Danilo tem 24 anos e divide o apartamento com Leandro, um publicitário de 27 anos. A sala deles é ainda mais vazia que a das três meninas – tem algumas cadeiras, uma escrivaninha, nenhum sofá e uma TV de plasma gigante na parede que serve apenas para jogar videogame. Na janela penduraram um lençol. “O único ruim nesse condomínio são os vizinhos que ficam perto demais...”, reclama.

Na hora do jantar, o condomínio esvazia novamente. A barraquinha do cachorro- quente faz a alegria dos preguiçosos, ou daqueles sem comida em casa.



Pelo interfone chama Letícia, uma amiga que também mora no Itambé. Letícia é relaxada, daquelas que usa saia e senta com as pernas abertas deixando a calcinha à mostra. Tem um piercing no nariz, um na boca e está sempre com os cabelos bagunçados presos num rabo alto. Aos 15 anos saiu de Tubarão, ao sul de Florianópolis, e começou uma peregrinação por cidades do Brasil. “O mais longe onde já morei foi em Olinda. E em Floripa bati meu recorde de permanência: um ano!”, comemora.

Aos 19 anos, ela e sua companheira de apartamento, outra Letícia, são o terror dos vizinhos. “Eles reclamam da gente o dia inteiro! Reclamam da música alta, do cheiro do cigarro, dos palavrões e dos arrotos. É, a outra Letícia arrota bem alto...”, confessa. Mas as meninas são queridas pelos porteiros e não sofrem as consequências das queixas: “O máximo que eles fazem é vir aqui e pedir pra gente manejar”, sorri. Até hoje nunca receberam uma notificação, ao contrário de Danilo, que exibe a sua grudada na geladeira – fruto de uma conversa ruidosa de madrugada com uns amigos. Quando um morador recebe a primeira reclamação do dia, os porteiros avisam verbalmente, na próxima, entregam uma notificação que deve ser assinada pelo baderneiro, e na terceira vez, é multa no valor da taxa de condomínio.

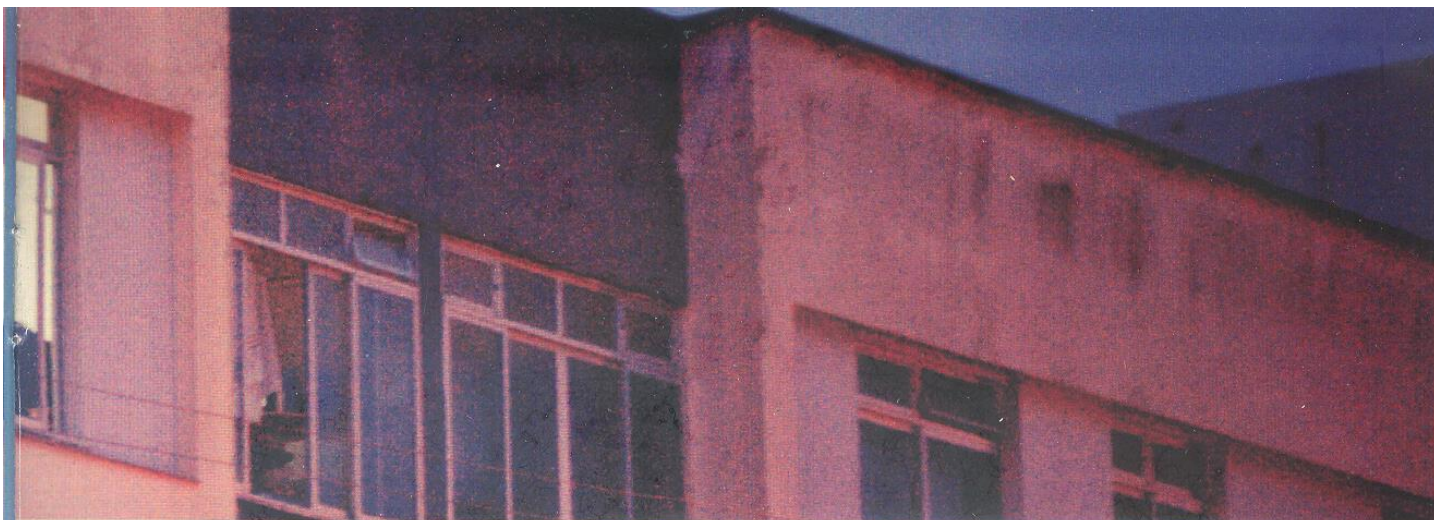
Letícia gosta de se comunicar com os vizinhos através de bilhetes. Quando reclamaram de sua música alta, colocou em sua porta um que dizia: “Ouça música e responda a

cada ato com educação. Bom dia. Letícia”. Se alguém se sensibilizou, ela não sabe, “mas pelo menos agora me dão bom dia”, comemora. Outra vez, alguém grudou um papel na porta do bloco dizendo “Procura-se um fumante porco e mal-educado que deixou a xepa do cigarro no prato do vaso”. Letícia achou o bilhete rude. Arrancou e colocou outro no lugar: “Gentileza gera gentileza”.

Danilo dá uma ajeitada na casa enquanto Letícia pega três canecas e uma garrafa de vodca em cima da geladeira. Os dois vão a uma festa na universidade. Assim que os dois amigos saem, chega o porteiro da madrugada. Checa o livro de ocorrências enquanto o da noite faz observações sobre as encomendas que não foram retiradas e se despede. Em contraste com o silêncio, o som de sua moto chega a doer nos ouvidos e gradativamente desaparece deixando um sentimento de paz.

A essa hora, não há mais ninguém zanzando pelo condomínio. Uma mão pendurada na janela segura um cigarro, e uma risada ecoa pelo pátio vazio. Dá para sentir o cheiro da noite e escutar de longe os carros na avenida Beira-Mar.

• • •



ITAMBÉ: HISTÓRIAS DE UM CONDOMÍNIO

Texto e Fotografia: Iana Lua Dias da Cruz
Orientação: Aglair Bernardo
Capa e projeto gráfico: Maurício Tussi
Revisão: Luisa Frey e Marina Veshagem
Impressão: Postmix

Agradecimentos:

Aos meus pais e minhas irmãs, pelo apoio incondicional. Ao Dudu, pelo companheirismo de todas as horas. À turma 2006/1 do curso de Jornalismo da UFSC, por me inspirar a ser uma jornalista cada vez melhor. À minha orientadora, por tornar o processo mais simples. E, principalmente, aos moradores do Itambé, que abriram suas casas e corações para uma estranha de bloquinho na mão e câmera no pescoço e me fizeram sentir parte da história do condomínio.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC
Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Semestre 2011/2.



Gentileza
GERA
gentileza

